

A DESCOBERTA DA CIDADANIA PELA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA: A UNIÃO ENTRE A ACADEMIA E A SOCIEDADE

Denis Renó¹

RESUMO: A sociedade é um espaço de descobertas profissionais e mercadológicas para os estudantes de jornalismo. Porém, as atividades de descobrimento são, tradicionalmente, encontradas no âmbito do fazer jornalismo, ou seja, a partir da produção de notícias. Entretanto, pode-se explorar melhor esse campo laboratorial a partir de atividades de extensão, fazendo com que o cidadão se relacione diretamente com o estudante de jornalismo. Este capítulo apresenta um relato da oficina piloto realizada em Santiago de Compostela, Espanha, como parte do projeto de pesquisa e extensão “Documentário, mobilidade e cidadania: imagens documentais produzidas por grupos populares a partir de dispositivos móveis”². A oficina serviu como avaliação da atividade que será realizada em outras comunidades na execução do projeto.

PALAVRAS-CHAVE: *Comunicação; Cidadania; Extensão Universitária; Mobilidade.*

ABSTRACT: Society is a space of professional discoveries for journalism students. However, discovery activities are traditionally found in the context of journalism making, from news production. It is possible to explore this laboratorial field from activities of university extension, making that the citizen could directly relate to the journalism student. This article presents an account of the pilot workshop held in Santiago de Compostela, Spain, as part of the research and extension project “Documentary, mobility and citizenship: documentary images produced by popular groups from mobile devices”. The workshop served as an assessment of the activity to be held in other communities in project execution.

KEYWORDS: *Communication; Citizenship; University Extension; Mobility.*

¹ Jornalista e documentarista, é mestre e doutor em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo (Brasil). É professor do programa de graduação em Jornalismo e de pós-graduação em Televisão Digital da Universidade Estadual Paulista – UNESP e professor visitante na Universidade de Santiago de Compostela (Espanha). E-mail: denis.reno@faac.unesp.br

² Projeto financiado pelo Conselho nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq, ref. Processo 446535/2014-1, edital Universal.

INTRODUÇÃO METODOLÓGICA

Documentação audiovisual por grupos populares: essa foi a indagação que moveu o início da pesquisa aqui registrada. Para tanto, tornou-se necessário pensar numa realidade comunicacional contemporânea, às mãos dos cidadãos. Chegou-se, então, aos dispositivos móveis – os telefones celulares -, cada vez mais acessível ao cidadão comum. E surgiu a pergunta fundamental: para esses grupos populares, qual a agenda interessante e quais os formatos estéticos para a produção dessas imagens documentais? Vale ressaltar que uma imagem documental, ainda que tenha proximidade dos documentários artísticos, não podem ser confundidos com estes. Trata-se de uma modalidade de registro que tem como fundamento imagens reais, ou com um contexto de realidade.

A pesquisa estava traçada, mas não o suficiente. Era fundamental caminhar, e compreender os processos de comunicação com a sociedade e as linguagens adotadas nestes processos foram os fatores que moveram o desenvolvimento desta pesquisa, cujo texto apresentado refere-se aos primeiros passos da mesma. Afinal, tanto a agenda como a estética que os meios de comunicação convencionais adotam poderiam não ser, necessariamente, os melhores formatos para uma comunicação entre grupos considerados menos eruditos – os cidadãos comuns.

Para encontrar indícios sobre esses formatos e conteúdos comunicacionais de ordem documental, consideramos fundamental a proposta de desenvolvimento midiático por grupos populares que pudessem ser considerados exemplares para reconstruir uma visão popular. Entretanto, alguns desafios moveram o projeto logo em seu início. O principal deles foi construir um nível mínimo para que os representantes dos grupos cidadãos pudessem desenvolver os conteúdos documentais para que processos comunicacionais pudessem ser compartilhados. Tratava-se de alavancar, a partir das capacidades digitais, um contato entre os cidadãos de determinadas comunidades, assim como a possibilidade de intercâmbio entre comunidades.

Para tanto, traçou-se um plano metodológico composto por atividades de extensão no intuito de obter respostas para a pesquisa em si. Esse formato misto, de pesquisa e extensão, é uma realidade quando se trata de um estudo sociológico ou antropológico. Na pesquisa em questão, apesar de não contemplar essas áreas do conhecimento, toma como base um caráter de proximidade e de experimentação para posterior análise semelhantes às clássicas antropologia e sociologia. Foram planejadas

oficinas de produção de vídeo por dispositivos móveis destinadas aos grupos populares envolvidos, provenientes de Bauru, Uberlândia e Aracaju (Brasil), Rosário (Argentina), Nova Iorque (Estados Unidos), Covilhã (Portugal) e Santiago de Compostela (Espanha). Cada cidade possui perfis diferentes de grupos populares. E cada um com seus problemas. Nas cidades do Brasil e da Argentina, por exemplo, encontramos uma desigualdade social destacada. Nos Estados Unidos, a violência urbana e o racismo são os maiores problemas, especificamente no Bronx, região que contempla as atividades. Em Portugal, a desigualdade é cultural, especificamente na região da Serra da Estrela, onde está situada a cidade de Covilhã. Em Santiago de Compostela, Espanha, ainda que o país esteja vivendo uma realçada crise econômica, o maior problema ainda está entre as comunidades de imigrantes e de atividades artesanais. Porém, tal diversidade social poderia representar necessárias diferenças de formato e de conteúdo para as oficinas do projeto.

Por essa razão, tomou-se a decisão de, em dezembro de 2014, realizar-se uma oficina-piloto em Santiago de Compostela, tentando reproduzir o perfil que será encontrado na realização da oficina definitiva, em novembro de 2015. Foram selecionados pelo professor Marcelo Martinez, coordenador do grupo de pesquisa REAL_CODE – Rede Europa América Latina de Comunicação e Desenvolvimento cinco participantes, representando os seguintes grupos: gênero (mulheres), profissional (marisqueiros) e desempregados (jovens recém-formados). Os grupos participaram de quatro encontros de três horas, produzindo, ao final, resultados das discussões, que serão comentados no decorrer deste texto.

Entretanto, percebeu-se que seria necessário compreender alguns temas fundamentais para o estudo. O primeiro deles refere-se ao significado de cidadania. Afinal, esse é o desenvolvimento social almejado pela investigação, especialmente com as atividades de extensão. O segundo tema que merece resposta pra essa investigação é a documentação de imagens e as diferenças com o gênero documentário. Por fim, devemos construir a relação desses temas com a mobilidade, crescente realidade contemporânea, independente das condições econômicas e sociais.

CIDADANIA E COMUNICAÇÃO

As formas e tendências da comunicação alteram-se a partir de cada desenvolvimento de uma nova tecnologia e seu aporte à sociedade. Ao mesmo tempo, atualizam-se as formas de produção midiática e seus conteúdos. Exemplo disso é a

consolidação de uma produção de conteúdos comunicacionais com uma estrutura midiática e de linguagem a partir de novos dispositivos móveis em ambientes de distribuição, como as mídias sociais, onde conteúdos distintos compartilham o mesmo espaço para diferentes usuários e a partir de particulares níveis de participação da sociedade. Junto a isso, mudam-se as agendas midiáticas até então consideradas existentes pelos profissionais da comunicação, que agora passam a compartilhar (e competir) com os cidadãos o que deve ser representado pela comunicação. Esse novo cenário é denominado por Paul Levinson (2012) como “*new new media*”, agora com novas imagens do povo (BERNARDET, 2003) produzidas pelo próprio povo.

Especialmente no campo da difusão de conteúdos audiovisuais documentais, a comunicação passou a contemplar um novo cenário desde 2005, com a criação do YouTube (RENÓ, 2008), onde conteúdos audiovisuais populares passaram a preencher lacunas sociais existentes até então. As imagens do povo, como foram definidas por Luiz Fernando Santoro (1989), agora passaram a ser exibidas nestes espaços. Manuela Penafria (2001, p.2) propõe que “é através do uso da câmera de filmar e da montagem que o documentarista define qual o ponto de vista a transmitir e, conseqüentemente, qual o nível de envolvimento do espectador”. Este projeto se apoia neste sentido: na busca do ponto de vista do cidadão, ora produtor.

Complementando as possibilidades comunicacionais a partir de grupos populares, encontramos as plataformas digitais, especialmente os meios sociais, especialmente em conjunto com outras tecnologias e plataformas de comunicação. Justamente este encontro entre as necessidades do cidadão e as possibilidades que se abriram à sua construção de cidadania a partir das evoluções da tecnologia digital (como a internet, a telefonia móvel e os recursos digitais) tem gerado na sociedade singularidades que contemplam uma característica fundamental e pós-moderna, de acordo com os conceitos de Marc Augé (2007) sobre mobilidade, agora amplamente acessível através dos dispositivos de telefonia móvel que oferecem ao cidadão a possibilidade de capturar imagens, editar seus conteúdos em linha e publicar os mesmos em ambientes de distribuição midiática pela internet, com especial atenção à blogosfera, como defende Dan Gillmor (2005). Esse cenário tem justificado e impulsionado diversas pesquisas no campo da comunicação, especialmente na região do pacífico asiático, onde a tecnologia está fortemente presente na realidade social. Segundo Gerard Goggin (2013, p.84), “a interação dos jovens com outras categorias sociais e demográficas foi um *leitmotiv* de trabalho formativo, especialmente no influente,

vibrante área de celulares no Pacífico Asiático”.

Paul Levinson (2012) defende que a participação dos cidadãos na nova ecologia dos meios tem como característica fundamental a mobilidade e a circulação por redes sociais, inclusive com uma mais ampla e sustentada credibilidade por parte da sociedade. Neste cenário, o *hardware* móvel torna-se uma ferramenta fundamental no processo. Ainda que seja uma realidade norte-americana, o tráfego na internet em 2012 aproximou-se de 60% consumido a partir de dispositivos móveis (segundo representante da Google³, estima-se que no Brasil esse número superará 65% até 2014). Apoiado nessas realidades, Paul Levinson (2013) defende que páginas web como o YouTube já assumem o papel de ambientes informativos para as novas gerações de usuários – os “*new new citizen*” (LEVINSON, 2012).

Nos estudos sobre o papel dos meios, investigadores estão desenvolvendo temáticas sobre linguagem, conteúdo e, diversas vezes, sobre a ideologia, mas existem poucos estudos representativos que apresentem o papel da sociedade na produção de informação, especialmente pela blogosfera e a partir de telefones celulares, ainda que Paul Levinson (2012) e Dan Gillmor (2005) se acercam a essa intenção. Além disso, não se conhece os formatos e a capacidade de informação e formação das narrativas finais, especialmente no campo do audiovisual.

A utilização de telefones celulares no Brasil é uma realidade. O país contabiliza uma proporção de mais de um telefone celular por habitante, o que está gerando importantes mudanças comportamentais, cognitivas e nas formas de comunicação, inclusive na linguagem. De acordo com Henry Jenkins (2009, p.44), a construção midiática está ocorrendo dentro do cérebro dos cidadãos, naturalmente, por uma evolução intelectual dos grupos populares.

MOBILIDADE DOCUMENTAL

Documentário é um gênero de audiovisual que oferece uma narrativa artística a partir de imagens que refletem uma realidade, mesmo que tais imagens sejam obtidas a partir de conteúdos de caráter ficcional (RAMOS, 2008). Porém, para que seja um documentário a existência da narrativa é fundamental, ainda que seja construída somente por reunião e edição de imagens documentais. Apesar disso, Nichols (2005,

³ Dados apresentados em conferência realizada por representantes da Google durante o I Congresso Internacional sobre Jornalismo em Dispositivos Móveis, em 2012, na Universidade da Beira Interior (Covilhã, Portugal).

p.26) considera que “todo filme é um documentário. Mesmo a mais extravagante das ficções evidencia a cultura que a produziu e reproduz a aparência das pessoas que fazem parte dela”.

Já uma imagem documental é algo mais simples. Basta documentar algo sem oferecer a narrativa, ainda que seja possível documentar com narrativa incluída. Por exemplo, ao documentar um discurso político as declarações são, de certa maneira, uma narrativa. Mas o registro de imagens já é uma documentação.

Neste sentido, torna-se cada vez mais frequente a documentação de acontecimentos, especialmente a partir do advento de dispositivos móveis com câmera e aplicativos de gravação de vídeo. O nascimento do filho, o casamento do amigo, a festa da empresa, a aula da professora, enfim, todas essas cenas podem ser consideradas documentais, ainda que não representem uma obra do gênero documentário. Para Nichols (2005, p.28-30):

O documentário engaja-se no mundo pela representação, fazendo isso de três maneiras. Em primeiro lugar, os documentários oferecem-nos um retrato ou uma representação reconhecível do mundo. Pela capacidade que tem o filme e a fita de áudio de registrar situações e acontecimentos com notável fidelidade, vemos nos documentários pessoas, lugares e coisas que também poderíamos ver por nós mesmos, fora do cinema. (...) Em segundo lugar, os documentários representam os interesses de outros. A democracia representativa, ao contrário da democracia participativa, funda-se em indivíduos eleitos que representam os interesses de seu eleitorado. (...) Em terceiro lugar, os documentários podem representar o mundo da mesma forma que um advogado representa os interesses de um cliente: colocam diante de nós a defesa de um determinado ponto de vista ou uma determinada interpretação das provas.

Já uma imagem documental é representada pelo registro de um acontecimento, sem a necessidade de representar o mundo, ou algo neste sentido. Basta registrar um acontecimento, mesmo que isoladamente, sem contextualização. Essa diferença torna o documentário algo completo em comparação com a documentação. Neste sentido, descobrir os temas que grupos populares consideram importantes registrar, assim como a estética para isso (se é que existe a estética ideal) são objetivos que fundamentam essa pesquisa.

Para Santoro (1989), o registro de acontecimentos isolados – ou a documentação – por grupos populares é a ferramenta cognitiva para o desenvolvimento da cidadania e da autonomia política de um grupo subalterno. Essa prática ganha força, segundo o

autor, a partir do advento do videocassete, em finais da década de 1970, e tem-se potencializado desde então. O mesmo é defendido por Renó (2008), para quem o advento da tecnologia digital e a construção de espaços de exibição tornaram essas práticas uma realidade política-social.

A CIDADANIA MÓVEL NA GALÍCIA

Impressionados. Assim ficaram os participantes da oficina realizada na primeira quinzena de dezembro de 2014, nas dependências da Universidade de Santiago de Compostela (Espanha), sede do grupo de pesquisa CIDACOM – *Cidadania e Comunicación*, e do REAL_CODE – Rede Europa América Latina de Comunicação e Desenvolvimento. A reação dos participantes superou a expectativa, pois esperava-se um certo ceticismo, já que em alguns casos o encontro com a tecnologia promove isso, além do temor pelo desconhecido (MCLUHAN, 2005).

O primeiro momento foi o questionamento sobre quem era proprietário e/ou usuário de *smartphones*. Ainda que o número de participantes tenha sido pequeno, encontramos a existência de dispositivos móveis desse modelo em 100% dos presentes. Obviamente, a realidade espanhola é diferente de outros países, inclusive o Brasil. Entretanto, os brasileiros estão cada vez mais interessados em adquirir equipamentos com possibilidades integradas de utilização e conexão, como os smartphones, até porque os preços estão cada vez mais acessíveis no país.

Logo na primeira aula, desenvolveu-se uma discussão sobre questões éticas relacionadas ao registro de pessoas, especialmente crianças em situação de risco. Uma diferenciação entre o que é de interesse público e interesse do público também foi discutida. Essa temática é fundamental para que o registro documental e a comunicação não se transformem em arma contra o direito à privacidade, assim como o abuso aos direitos do cidadão, especialmente à presunção da inocência até que se prove o contrário. Tal desconhecimento poderia provocar injustiças irreversíveis em algumas situações. Os participantes comentaram, após a discussão, que não se preocupariam com isso, caso não fosse apresentada a discussão.

A segunda discussão fundamental abordou o significado de cidadania, pois é comum desconhecer tal temática, mesmo entre acadêmicos da comunicação. Para tanto, apresentou-se os significados adotados por essa pesquisa, especialmente a definição de Adela Cortina (2008, p.15), para quem “o cidadão não é vassalo. O cidadão não é servo.

O cidadão não é escravo. E é muito importante construir comunidades de cidadãos, de pessoas que não são controladas por outras, que não são manipuladas por outras”. A autora define de maneira clara o significado de cidadania, ou seja, um ator social com atitudes em prol do coletivo, da autonomia cidadã.

As atividades seguintes foram relacionadas à utilização do smartphone como ferramenta de registro. Para tanto, foram exibidos vídeos sobre a primavera árabe produzidos por cidadãos. Um breve relato sobre os acontecimentos no Oriente Médio foi apresentado, pois quatro dos participantes desconheciam os conflitos. Cuidou-se para não padronizar a estética de tais registros, selecionando fragmentos com diversidade estética, especialmente fora do padrão considerado ideal pelos estudos sobre audiovisual. Uma importante discussão que surgiu nesse momento da oficina foi em torno do vídeoativismo. Pensar nessa forma de autonomia cidadã sugere uma revisão sobre o que o mesmo significa. Na realidade, o vídeoativismo está presente nas práticas audiovisuais desde os primórdios do cinema. Vídeoativismo é, basicamente, todo e qualquer produto audiovisual que tem como objetivo mudar a sociedade. Isso vemos em obras de Dziga Vertov, especialmente em "Um homem com uma câmera" (1922), quando o cineasta ofereceriam narrativa para mostrar o caos de uma grande cidade e, dessa maneira, provocar reflexão sobre para onde estávamos indo. Também podemos pensar em obras de ficção que nos levam a reflexões sobre mudança do mundo. Exemplo disso é o filme "O encouraçado Potemkin" (1925), de Sergei Eisenstein. Porém, vídeo-ativismo difere do cinema profissional. O importante no vídeo-ativismo não é a qualidade da produção, e sim o seu conteúdo. A qualidade, como nós a conhecemos e definimos, está presente. A mensagem, e não na estética adotada. Isso vai de encontro ao que defende Galán Zarzuelo (2012), para quem as obras vídeo-ativistas se impõem aos acordos estéticos e às alternativas tecnológicas. Na realidade, o que acontece é uma apropriação social sobre a tecnologia existente e sua reinvenção para atender às necessidades destes grupos. Isso reforça a proposta de Renó (2013), para quem o meio não é mais a mensagem, e sim a mensagem é o meio, propondo, assim, uma revisão sobre a popular proposta de Marshall McLuhan sobre a ecologia dos meios antes da web 2.0.

Em seguida, partiu-se para a prática, precedida de uma breve explanação por parte dos participantes com relação aos temas que seriam desenvolvidos. A primeira ideia veio da representante das comunidades marisqueiras, que pensou em produzir imagens e registrar depoimentos de cidadãos de Santiago de Compostela com relação à

importância do marisco no cotidiano gastronômico, assim como um questionamento sobre o conhecimento destes cidadãos sobre as dificuldades de se pescar mariscos.

Saíram em busca das produções e retornaram com seus dispositivos móveis repletos de imagens e registros. Exercitaram o olhar em busca de imagens de qualidade que representassem a indignação ou o desejo de expressar-se. Apresentaram conteúdos com estéticas, em alguns casos, semelhantes às adotadas pela Televisão Espanhola, TVE. Porém, também inovaram ao buscar imagens com o dispositivo móvel na vertical, abandonando os tradicionais formatos 4x3 ou *widescreen*, comuns em aparelhos de televisão e salas de cinema. A justificativa do representante dos jovens desempregados pela opção a esse formato foi que essa é a maneira como enxergamos o mundo pelos dispositivos móveis, ou seja, na vertical. Nesse sentido, a ideia de McLuhan (2005) de que o meio é a mensagem volta a ser reconhecida e validada.

Os resultados sobre o formato da oficina foram positivos. Todos os participantes consideraram, ao final das atividades, que as possibilidades de manifestação de opinião são potencializadas a partir de imagens documentais. Dois participantes tiveram a ideia de criar um blog sobre suas comunidades. Lamentavelmente, não criaram na oficina por falta de tempo, o que sugere uma ampliação dessas atividades ou uma redução de conteúdo e/ou discussões para as oficinas definitivas. Dessa maneira, poderão sair dos encontros com os espaços criados e compartilhados entre todos.

CONCLUSÕES

Ao realizar esse estudo, concluiu-se que as possibilidades de produção de conteúdos documentais por grupos populares é uma realidade. Os cidadãos contemporâneos, pertencentes aos seres meio (GILLMOR, 2005), ou ao grupo formado por “*new new citizen*” (LEVINSON, 2012), possuem conhecimento suficiente para descobrir novas maneiras de utilizar os dispositivos móveis. Além disso, a nova ecologia midiática sugere tais produções por parte dos cidadãos comuns, cada vez mais engajados nos processos comunicacionais alternativos.

Ao finalizar a oficina piloto, percebeu-se que a mesma precisa de ajustes, mas a essência está correta. Porém, a maior constatação é sobre a importância em se realizar atividades de extensão no campo dos estudos de comunicação. O que foi realizado na Universidade de Santiago de Compostela (Espanha) com cidadãos representantes de grupos populares locais não somente foi capaz de envolver os participantes da oficina,

como também sensibilizar os estudantes de Jornalismo da universidade, que participaram como auxiliares, sobre a proximidade com a sociedade. Ao menos estes estudantes desceram do pedestal acadêmico que impera em alguns ambientes educacionais.

Agora a investigação entra numa nova etapa – a de definir os grupos participantes. Serão novos desafios e dificuldades a serem superadas. Entretanto, saímos na vantagem, pois já está formatada a oficina sobre produção de imagens documentais por dispositivos móveis. Somente assim serão respondidas as indagações da investigação em curso, além de desenvolver a cidadania a partir de atividades de extensão universitária.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUGÉ, Marc. *Por una antropología de la movilidad*. Madri: Gedisa, 2007.

BERNARDET, Jean-Claude. *Cineastas e imagens do povo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

CORTINA, Adelia. “Ética de los medios y construcción de ciudadanía”. In *OCLACC-UTPL. Comunicación, ciudadanía y valores: re-inventando conceptos y estrategias*. Loja: Livraria e Editora Padre Reus, 2008.

GALÁN ZARZUELO, Marta. “Cine militante y videoactivismo: los discursos audiovisuales de los movimientos sociales”. *Revista Comunicación*, v.1, no. 10, 2012.

GILLMOR, Dan. *Nós, os media*. Lisboa: Editorial Presença, 2005.

GOGGIN, Gerard. “Youth culture and mobiles”. *Mobile Media & Communication*, 2013, volume 1, edição 83, p. 82-88. Disponível em <http://mmc.sagepub.com/content/1/1/83.full.pdf+html>. Acesso em 26/05/2014.

JENKINS, Henry. *Cultura da convergência*. São Paulo: Alephe, 2009.

LEVINSON, Paul. “Transmedia Transnational Video Journalism”. In RENÓ, Denis; CAMPALANS, Carolina; RUIZ, Sandra; GOSCIOLA, Vicente. *Periodismo transmedia: miradas multiples*. Bogotá: Editorial UR, 2013.

LEVINSON, Paul. *New new media*. Boston: Pearson Higher Education, 2012.

MCLUHAN, Marshall. *McLuhan por McLuhan*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005.

NICHOLS, Bill. *Introdução ao documentário*. Campinas: Papirus, 2005.

PENAFRIA, Manuela. “O ponto de vista do filme documentário”. *BOCC – Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação*, 2001. Disponível em <http://www.bocc.ubi.pt/pag/penafria-manuela-ponto-vista-doc.pdf>. Acesso em 26/05/2014.

RAMOS, Fernão P. *Mas, afinal...o que é mesmo documentário?*. São Paulo: SENAC, 2008.

RENÓ, Denis. *Discussões sobre a nova ecologia dos meios*. Tenerife: Cuadernos Latina, 2013.

RENÓ, Denis. “Comunicação e cidadania: gritos folkcomunicacionais latino-americanos no YouTube”. In OCLACC-UTPL. *Comunicación, ciudadanía y valores: re-inventando conceptos y estrategias*. Loja: Livraria e Editora Padre Reus, 2008.

SANTORO, Luiz Fernando. *A imagem nas mãos: o vídeo popular no Brasil*. Campinas: Summus, 1989.